

RESENHAS

CAVALIERE, Arlete O. (Ed.). **Revista de Estudos Orientais**. São Paulo: Departamento de Letras Orientais - FFLCH-USP/Ateliê Editorial, nr. 4, Agosto 2003, 224p.

*Octavio da Cunha Botelho*¹

O título "*Estudos Orientais*" é muito abrangente para se esperar que esta revista cubra a totalidade das culturas orientais. Portanto, por razões práticas e curriculares, as culturas abordadas no número 4 desta revista limitam-se àquelas correspondentes às línguas ministradas no Departamento de Letras Orientais da USP que, por sua vez, correspondem às línguas das colônias orientais mais numerosas de São Paulo, ou seja, a colônia japonesa, chinesa, árabe, hebraica, russa e armênia. Não resta dúvida que estas são algumas das mais importantes culturas do Oriente, mas se não fosse por estas razões curriculares, qualquer pessoa envolvida com estudos orientais se surpreenderia com o flagrante desinteresse pela cultura indiana, que só é tratada, de forma indireta, através de um tema secundário num artigo da segunda seção sobre confluências, pois a cultura indiana significa para o Oriente, sobretudo para a Ásia Oriental e Meridional, o que a cultura grego-cristã significa para a Europa. Apesar de não ter participado diretamente, por motivos geográficos e religiosos, do principal canal de comunicação comercial e cultural entre Oriente e Ocidente no passado, isto é, a Rota da Seda, a Índia influiu culturalmente muitos povos, de maneira indireta, através dos mensageiros por onde se instalou a mais proselitista das suas religiões: o Budismo.

Independentemente dos peculiares propósitos acadêmicos, importa fazer, antes de comentar individualmente os artigos,

¹ Especialista em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Uberlândia.

algumas observações gerais sobre a revista. Primeiro, deve-se notar que é curioso e diferente estudar a cultura oriental de uma perspectiva que interessa ao Ocidente, daquela que interessa ao Oriente ou, como tem sido feito mais recentemente, de uma perspectiva global. No primeiro caso, o filtro da intelectualidade ocidental é um fator prejudicial. Estudar o Oriente através da óptica do Ocidente, nem sempre resulta em uma visão nítida, pois, pontos importantes são obscurecidos. Por outro lado, ao conhecer-se a cultura oriental desde fontes orientais, também se chega, às vezes, a uma visão distorcida, sobretudo por interesses ufanistas. Entretanto, parece ter sido uma preocupação dos editores da revista corrigir estas duas miopias, que aparecem na perspectiva ocidental ofuscante e na perspectiva oriental ufanista. Esta ponderação credita confiabilidade científica à revista, proporcionando, ademais, ao leitor brasileiro a possibilidade de conhecer estudos extraídos de fontes literárias publicadas nos países originais, que poderão, em seguida, ser comparados aos estudos publicados no Ocidente.

Outrossim, o que surpreende na revista é o número de artigos sobre a cultura oriental contemporânea, porquanto para muitos o Oriente não tem uma significativa produção cultural na atualidade, ou que a cultura oriental deve ser somente valorizada em seus períodos antigo e clássico, pois, após a Idade Média, com o advento da civilização moderna, ela teria passado a ser desinteressante para o Ocidente. A encantadora exposição chinesa "*Os Guerreiros de Xi'an e os Tesouros da Cidade Proibida*", ocorrida em São Paulo, em 2003, atraiu um público numeroso e pode ter deixado a deslumbrante impressão, em muitas pessoas, de que a China só produziu cultura no passado, o que não é rigorosamente verdadeiro. Destarte, a revista contribui para corrigir esta visão distorcida, colocando o leitor diante das produções literárias e artísticas do Oriente durante a era contemporânea.

Quanto ao encontro Oriente/Ocidente, tratado em dois artigos, é sobretudo interessante o resultado deste processo na Rússia, assunto pouco conhecido no Brasil. É também uma preocupação dos editores, tal como mencionado no editorial, "a necessidade de inserir no debate acadêmico temas cada vez mais importantes, que ocupam a agenda internacional como, por exemplo, aqueles que

dividem o Ocidente e as outras civilizações não-ocidentais” (p. 07). Porém, não é só a divisão que preocupa os editores, mas também o resultado do encontro Oriente/Ocidente. A segunda seção trata deste assunto sob o título de “Confluências”.

Outra contribuição da revista está na tentativa de corrigir a idéia predominante de que o Oriente só é interessante em seus aspectos exótico, misterioso e mágico. Longe de se limitar a este enfoque, como fazem muitos outros periódicos e livros, a revista “oferece, isto sim, a possibilidade de uma percepção mais abrangente de nossa contemporaneidade” (p.08). Entre os temas contemplados, estão incluídos: literatura, história, filosofia, escultura, mística, cinema, etnia, e até mesmo um artigo sobre Mangás (histórias em quadrinhos) e Animes (desenhos animados) japoneses.

Tematicamente, a revista está dividida em duas seções. A primeira, denominada “*Identidades Culturais*”, contém sete artigos envolvendo as culturas chinesa, árabe, armênia, hebraica e grega. A segunda, denominada “*Oriente e Ocidente: Confluências*”, contém nove artigos que relatam e analisam os encontros da cultura ocidental com as culturas russa, japonesa, árabe, armênia, chinesa e, de certa maneira, indiana.

O primeiro artigo, o mais extenso de todos, *El Islamismo y la Nacionalidad Hui de China*, de autoria de três docentes do Departamento de Letras Orientais, relata, após apontar as principais religiões da China, uma resumida história da formação, desenvolvimento, bem como a situação atual da nacionalidade Hui, uma etnia muçulmana, formada após o gradual assentamento em regiões do oeste chinês, por comerciantes árabes e persas vindos através da Rota da Seda. Os dados do artigo são extraídos, conforme a bibliografia, de obras publicadas na China, os quais, em alguns pontos, diferem dos fornecidos por dois expressivos expoentes do assunto na atualidade: a professora Dra. Julia Ching, da Universidade de Toronto, em *Chinese Religions*, p. 177-85, e o historiador americano, Dr. Richard C. Foltz, em *Religions of the Silk Road; Overland Trade and Cultural Exchange from Antiquity to the Fifteen Century*, p.106-9 e passim. Com base em outras fontes, percebe-se que a história da China é bem mais turbulenta do que imaginam os autores do artigo, que chegam a afirmar que as relações entre as 56

etnias da China “vem compartilhando o mesmo destino e os mesmos interesses no prolongado desenvolvimento da história, o que tem produzido uma grande fraternidade e uma força de coesão” (p. 12). Efetivamente, não tem sido bem assim. Basta lembrar as recentes atrocidades cometidas contra os tibetanos, que resultaram no genocídio de 1,2 milhão deles de 1951 a 1976, e a destruição de 95% dos templos e monastérios (veja o artigo da revista *Scientific American Brasil*, nr. 19, Dezembro 2003, p. 93). Ademais, os conceitos de etnia e de nacionalidade, utilizados no texto, estão envolvidos em muito mais complexidades e dificuldades, visto que o conceito de etnia não é ainda preciso e consensual, o que leva alguns antropólogos a evitar o uso do termo. E o atual conceito de nacionalidade está mais próximo às questões civis, jurídicas, político-geográficas e de direito internacional do que às controvertidas noções etnológicas utilizadas pelos autores.

O segundo artigo, *Sherazade e o Livro das Mil e Uma Noites segundo os Manuscritos Árabes mais Antigos: Histórias de Traições e Projeções*, compara as recensões árabes mais antigas com as versões mais recentes, em especial com a versão do francês Jean Antoine Galland, publicada em Paris, no ano de 1704, apontando as alterações sofridas pelos textos, tanto no conteúdo como na forma. É curiosa a referência a um livro persa, do século X, chamado *Hizar Ifasani*, reconhecido como o protótipo das versões árabes das *Mil e Uma Noites*. O artigo é, sem a menção do autor, um instrutivo estudo filológico, onde deve se entender Filologia no sentido do “estudo de textos antigos com o objetivo de estabelecer e firmar sua forma original, para se chegar a uma edição crítica”, bem como, esclarecedor quanto à origem e ao desenvolvimento das versões destes contos que conquistaram muita popularidade em todos os cantos do mundo, e mais ainda, no século XX, após a transposição para as telas do cinema, sobretudo, de *Aladin e a Lâmpada Maravilhosa*, *Ali Babá e os 40 Ladrões* e *Simbad o Marujo*. É, também, interessante a análise sobre o significado e o papel de Sherazade no conto-prólogo das *Mil e Uma Noites*.

O terceiro artigo, *Islã e Identidade Cultural*, analisa, de forma resumida, algumas questões do Islã, bem como os benefícios psicológicos e sociais resultantes da sua prática. No conteúdo, o

artigo é superficial e simplório, pois as características e os benefícios da prática do Islã apontados são, em geral, comuns a todas as outras religiões devocionais. Com efeito, é necessário mais aprofundamento e especificidade para se identificar, com precisão, as características que diferenciam o Islã das outras religiões, sobretudo das religiões semíticas para, em seguida, apontar quais as características e os benefícios peculiares atribuíveis ao Islã. Se não for desta maneira, o estudo perde o sentido científico e imparcial, para dar lugar a propaganda e ao ufanismo religioso. Na forma, o artigo exagera na brevidade dos parágrafos, o que o aproxima à aparência de uma composição aforística.

O quarto artigo, *O Porquê da Existência do Khatchkar (Cruz de Pedra)*, trata do significado cultural, da origem e do desenvolvimento artístico da construção das Cruzes de Pedra da arte escultural armênia. O estudo é extraído de obras publicadas em armênio, o que o torna instrutivo à intelectualidade brasileira. O quinto artigo, *A Geração Desiludida*, analisa dois romances da geração literária da década 1970, *Passado Contínuo* de Yaakov Shabtái, e *O Amante*, de A. B. Yehoshua, que têm como pano de fundo a Guerra dos Seis Dias e a guerra de Yom Kipur. As obras fazem parte de um período de desilusão com os valores sociais e morais de Israel. No início do artigo, a autora faz uma análise resumida da situação social e cultural da época, anos 1970. O sexto artigo, *O Mythistorima de Seféris*, apresenta um estudo sobre a poesia do poeta grego contemporâneo, Giorgos Seféris, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1963. O poema é uma confluência de temas da mitologia grega antiga com circunstâncias contemporâneas. O sétimo e último artigo da primeira seção, *Uma Pequena Epístola de Algazel*, nome latinizado do filósofo e místico muçulmano, Al Ghazáli (séculos XI-XII), sobre a educação infantil, traz a tradução de um curioso documento histórico-cultural, mas que deve ser entendido em seu contexto religioso (muçulmano) e temporal (Idade Média), uma vez que no contexto cultural da contemporaneidade ocidental, muitas orientações educacionais constantes na carta soam como preconceito, radicalismo e obsoletismo.

Já a segunda seção, *Oriente e Ocidente: Confluências*, traz nove artigos que envolvem temas como: *Cervantes e o Sufismo*, *A Rússia*

entre Oriente e Ocidente e um estudo sobre o romance do autor goês, Lino Leitão, *The Gift of the Holy Cross*, em inglês. Em seguida, uma crítica sobre a revista *Humanus* nr. 02, publicada pela seita brasileira União do Vegetal, mais conhecida como seita dos seguidores do santo Daime e um artigo sobre os estudos armênios em universidades da Itália, em italiano. Também, uma análise do ator do século XX a partir das confluências Oriente/Ocidente, *L'attore Eurasiano* (O Ator Eurasiano). O próximo artigo é uma análise do filme ganhador do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2001, *O Tigre e o Dragão*, mediante uma perspectiva mística, em que a autora vai buscar indícios em outras culturas místicas. Depois, um artigo sobre os Mangás (histórias em quadrinhos) e os Animes (desenhos animados) japoneses, que tanto se popularizaram no Ocidente nas últimas décadas. E, por fim, um estudo histórico sobre o pensamento russo do século XIX e início do século XX.